



LEITURA E ESCRITA DO MUNDO – ATRAVESSAMENTOS DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE

LECTURA Y ESCRITURA DEL MUNDO - CRUCES DE GÉNERO, COLOR Y CLASE

READING AND WRITING THE WORLD — INTERSECTIONS OF GENDER, RACE, AND CLASS

Diana LUSA¹

RESUMO

Tendo como proposta embasar-se em referências locais para as análises, de acordo com um pensamento decolonial, esta escrita objetiva refletir sobre a relação da mulher com a leitura e com a escrita. Com um olhar especial ao primeiro livro de Carolina Maria de Jesus, são aprofundadas e discutidas as temáticas: mulheres e escritas de si, escrevivência, mulher negra, leitura de mundo, sendo a discussão transversalizada pelos conceitos gênero, classe e raça. O problema central deste estudo é perceber como a leitura e a escrita emergem no livro Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus, mulher, negra, pobre, em um processo de escrevivência. A obra é analisada à luz das teorias de Conceição Evaristo; Paulo Freire; Joan Scott; Guacira Lopes Louro; Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes. Percemos que a fome é o fio que perpassa os escritos de Carolina; sua escrita mostra sua leitura de mundo em se

¹ Doutoranda em Educação na UCS; Pedagoga no IFRS – Campus Veranópolis – RS – Brasil; dianalusars@gmail.com

perceber mulher, negra, rejeitada, esquecida juntamente com seus filhos; em entender condições sociais, políticas e injustiças a que está submetida. Com a análise podemos dizer que o livro analisado permite ter uma noção da barbárie social em determinada favela do Brasil na década de 1950. A obra nos apresenta a capacidade da autora de ler seu mundo e agir nele dentro do que lhe é possível, também de questionar o que está posto, as políticas, os políticos, a falta de perspectiva. De trazer seus sonhos: morar em uma casa melhor, limpa, ter comida, ver seus filhos educados e na escola.

Palavras-chave: Mulher negra; Carolina Maria de Jesus; Escrivência

RESUMEN

Teniendo como propuesta basarse en referencias locales para los análisis, de acuerdo con un pensamiento decolonial, esta escrita objetiva reflexionar sobre la relación de la mujer con la lectura y la escrita. Con una mirada especial al primer libro de Carolina Maria de Jesus, son profundizadas y discutidas las temáticas: mujeres y escritas de sí, escrevivencia, mujer negra, lectura de mundo, siendo la discusión transversalizada por los conceptos género, clase y color. El problema central de este estudio es percibir cómo la lectura y la escritura emergen en el libro Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus, mujer, negra, pobre, en un proceso de escrevivencia. La obra es analizada a la luz de las teorías de Concepción Evaristo; Paulo Freire; Joan Scott; Guacira Lopes Louro; Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes. Percemos que el hambre es el hilo que cruza los escritos de Carolina; su escritura muestra su lectura de mundo en percibirse mujer, negra, rechazada, olvidada junto con sus hijos; en entender condiciones sociales, políticas e injusticias a las que está sometida. Concluimos que el libro analisado permite tener una noción de la barbarie social en determinada chabola de Brasil en la década de 1950. La obra

nos apresenta la capacidad de la autora de leer su mundo y actuar en él, dentro de lo que le es posible, también de cuestionar lo que está puesto, las políticas, los políticos y la falta de perspectiva. De traer sus sueños: vivir en una casa mejor, limpia, tener comida, ver a sus hijos educados y en la escuela.

Palabras clave: Mujer negra; Carolina Maria de Jesus; Escrevivência

ABSTRACT

This article aims to reflect upon the relationship between women and the acts of reading and writing, focusing on using regional sources for our analysis so as to follow a decolonizing school of thought. Taking a particular look at Carolina Maria de Jesus' first book, we discuss the themes of women and their writing, the concept of *escrevivência* (the writing of one's experiences and realities), Black women, and the ability to read one's world; these discussions also consider the intersections of gender, class, and race. The main objective of this study is to perceive how the practices of reading and writing surface in *Quarto de Despejo*, a book written by Carolina Maria de Jesus, a poor Black woman in a process of *escrevivência*. The book is analyzed based on the theories of Conceição Evarist, Paulo Freire, Joan Scott, Guacira Lopes Louro, Constância Lima Duarte and Isabella Rosado Nunes. We notice that hunger is the theme that permeates Carolina's body of work. Her writing shows how she reads the world around her, perceives herself as a Black woman, rejected and (along with her children) forgotten by society, and understands the social and political conditions, as well as the injustices, to which she is subjected. We conclude that the book offers an outlook of the social barbarity in a specific Brazilian favela in the 1950s. Her work shows us her ability to read her world and act on it within her capabilities; to question what is presented, the policies, the politicians, and the lack of social perspective to make her dreams come true: to live in a better,

cleaner house, having food to eat, and seeing her children getting educated at school.

Keywords: Black women; Carolina Maria de Jesus; Escrivência.

*Meu coração está cheio de energia,
mesmo que eu esteja exausta.*
Sílvia Federici, 2020

1. Primeiras palavras, primeiras perguntas

Tantas perguntas são possíveis para este começo. Vamos a algumas: quem é lembrado na história? Por que é lembrado? Quais são nossos direitos e os direitos de todas as pessoas, sem exceções? Comer é um direito. Ter uma vida digna, com abrigo, sem violência, é um direito. Além dos direitos básicos, que todos temos – ou devíamos ter – o direito ao encantamento, à arte também deveria estar na lista destes básicos. A literatura é um direito de todo ser humano, como já nos alertou Antonio Candido². Dentre tantos outros direitos que temos para viver e nos constituirmos como pessoas integrais, que podem alimentar o corpo e a espiritualidade, o direito ao belo, à contemplação, à fruição estão presentes. A educação é um direito, no Brasil garantido a todos, desde a Constituição de 1988. Desde 1934, com a constituição deste ano, está garantido o acesso ao ensino primário integral; pode-se fazer uma ampla discussão desde a década de 1930 até o final da década de 1980, sobre quem frequentou a escola nestes 50 anos, para quem este direito, ainda que de ensino primário, estava garantido. Sobre quando, de fato, as meninas e mulheres puderam ingressar na escola e fazer parte do mundo da leitura e da escrita. A igualdade de gênero, quanto às possibilidades, às oportunidades, é um direito que vem sendo conquistado no Brasil e que ainda exige luta.

É a partir destes questionamentos e pensamentos que surge este estudo, com o qual pretendo aprofundar a relação entre mulheres, especialmente de classes menos favorecidas economicamente, com a leitura-escrita. Para tanto, o olhar está voltado para a obra *Quarto de despejo: o diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus³.

² CANDIDO, Antonio. Direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. São Paulo: Ouro sobre azul, 2004.

³ JESUS, Maria Carolina. *Quarto de despejo: o diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014.

Tendo como proposta embasar-se em referências locais para as análises, de acordo com um pensamento decolonial, está escrita é um exercício, de trazer para o debate especialmente autoras e autores brasileiros. Com um olhar especial ao primeiro livro de Carolina, são aprofundadas e discutidas as temáticas: mulheres e escritas de si, escrevivência, mulher negra, leitura de mundo, sendo a discussão transversalizada pelos conceitos gênero, classe e raça. O problema central deste estudo é como a leitura e a escrita emergem no livro Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus, mulher, negra, pobre em um processo de escrevivência? A obra é analisada à luz das teorias de Conceição Evaristo⁴⁵; Paulo Freire⁶⁷; Joan Scott⁸; Guacira Lopes Louro⁹; Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes¹⁰.

Feita esta introdução, passo a falar de nós, as mulheres.

2. Nós, as mulheres: caminhos metodológicos

Falar nós, as mulheres é algo plural. Somos plurais e, se por um lado é difícil (ou impossível) falar por todas, por outro lado, alguns questionamentos podem encontrar eco na vida de, praticamente, todas as mulheres. Consoante isso, trago aqui o conceito ou metodologia que vem sendo desenvolvido por Conceição Evaristo: escrever, que faz alusão às palavras escrever e viver em um mesmo processo, significando-as. Sobre esse conceito, essa metodologia, cabe dizer que:

Escrever significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas, uma vez que se compreende existir um comum constituinte entre autor/a e protagonista, quer seja por características compartilhadas através de

⁴ EVARISTO, Conceição. *Ocupação*. São Paulo: Itaú Cultural, 2017.

⁵ EVARISTO, Conceição. Conferência de Abertura com Conceição Evaristo: *Negras Escrevivências*. XI COPENE. Palestra proferida em 09 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=biBn732cl5E> Acesso em 18 de junho de 2021.

⁶ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

⁷ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

⁸ SCOTT, Joan. **Gênero**: Uma Categoria Útil de Análise Histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20 n.2, jul/dez, 1995, p. 71-99.

⁹ LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

¹⁰ DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas.¹¹

Evaristo utiliza o conceito para a sua escrita sobre mulheres negras. Mas afirma que a escrevivência, hoje, amplia sua própria temática, incluindo os grupos que estão fora da escrita normativa, branca, masculina. Quando se fala nas diferenças da escrita a partir das escrevivências, está se falando das “experiências pessoais e dos lugares sociais em que as pessoas estão colocadas para contarem as suas experiências através da escrita”¹². Nesse sentido, será pensado o Diário de Carolina como a escrevivência de uma mulher, que por ser mulher, está com três filhos para criar; que por ser negra, é considerada suja por suas vizinhas nos xingamentos que ouve; que por ser pobre, luta pela sobrevivência diária, pelo alimento diário, seu e de seus filhos; que, por sentir e compreender sua situação, escreve suas dores e sonhos em seus cadernos e lê os livros que tem em seu barraco.

Pensando na obra de Carolina como uma possibilidade de um estudo autobiográfico, trago esta nova perspectiva, já citada: a escrevivência. Escrevivência é a proposta de uma nova metodologia de escrita e de pesquisa que tem crescido no meio acadêmico. Uma escrita que nasce a partir das vivências e do cotidiano e que marca toda a obra de Conceição Evaristo. Em suas palavras: “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para 'ninar os da casa grande' e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.”¹³ É uma escrita que se propõe a narrar o cotidiano das mulheres negras, olhando para o passado, para os corpos que foram escravizados, e problematizando a presença desses corpos negros no tempo atual, no meio social, nos jogos políticos, de poder, de autoria, de autonomia sobre si.

A metodologia proposta – a escrevivência – que deriva das palavras escrever e viver começou a ser pensada e desenvolvida por Conceição Evaristo em 1994, quando cursava mestrado. Essa metodologia propõe a ficcionalização da experiência/vivência individual, transformando a vivência em literatura. É uma nova perspectiva dos estudos autobiográficos que olha, para além de si, para o coletivo e traz o que pode

¹¹ SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Revista Psicologia Política*, vol.17 no. 39. São Paulo maio/ago. 2017. Acesso em: 08 out. 2021.

¹² EVARISTO, Conceição. Conferência de Abertura com Conceição Evaristo: *Negras Escrevivências*. XI COPENE. Palestra proferida em 09 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=biBn732cl5E> Acesso em 18 de junho de 2021.

¹³ EVARISTO, Conceição. *Ocupação*. São Paulo: Itaú Cultural, 2017 (p.21).

ser reconhecido por muitas a partir de cada vivência particular. Assim, a escrita de si parte de um sujeito individual, mas atinge um sujeito coletivo. Por exemplo, poderíamos falar em muitas carolinas, a partir do Quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus, que conta uma história pessoal, mas que foi e é a história de muitas mulheres negras. Carolina escreveu seu livro antes do conceito escrevivência começar a ser desenvolvida e talvez, não tida a intenção de ficcionalizar a sua escrita, ainda assim é uma escrita que foi e vai além de si própria, encontrando ecos, ressoando em outras histórias pessoais, traduzindo em escrita a realidade de um coletivo, como propõe Evaristo.

A Escrevivência, no terreno da escrita, é construção, é formulação, é recuperação da humanidade do sujeito negro construída muitas vezes de forma deturpada pela autoria branca, enquanto reinscreve esse sujeito afrodiaspórico numa narrativa que o contempla, representa e convoca. [...] se analisarmos a quantidade de estudos que envolvem a assunção do conceito de Escrevivência, chegaremos a uma conclusão que traga até nós a certeza de que a escrita do subalternizado rompeu a retórica canônica e assinalou a importância da reflexão sobre as experiências coletivas, mesmo que amalgamadas a tantas outras que podem ser individuais. [...] A escrevivência de Conceição Evaristo pretende desalojar a narrativa dominante que coloca o corpo negro em condição de subalternidade, enquanto torna visíveis as diversas experiências desse corpo que deseja narrar suas subjetividades.¹⁴

Essa escrita reflete a vida e está ligada ao corpo engenhoso, ou seja, aquele “corpo que é capaz de criar saídas, que é capaz de criar sagacidade, que é capaz de encontrar portas, que é capaz de se mover no terreno movediço e continuar de pé. Podemos pensar que o corpo escravizado foi capaz disso.”¹⁵ A engenhosidade foi responsável por garantir a sobrevivência e essa mesma engenhosidade ainda é necessária aos negros de hoje, em 2021. Na época da escravidão, a luta era pela vida, hoje, a luta é simbólica, pelo direito de narrar e, em muitos casos, também é uma luta pela sobrevivência, pelo alimento. Feita essa sucinta explanação sobre nós, a seguir analiso o livro de Carolina com a intenção de perceber a escrevivência nas tramas de sua escrita, que não pode ser descolada de sua realidade, de sua luta diária e constante por sua sobrevivência e pela sobrevivência de seus filhos.

¹⁴ LIS, Ludimila in DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020 (p.268-269).

¹⁵ EVARISTO, Conceição. Conferência de Abertura com Conceição Evaristo: *Negras Escrevivências*. XI COPENE. Palestra proferida em 09 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=biBn732cl5E> Acesso em 18 de junho de 2021.

3. A escrita de si marcada pela leitura de mundo: resultados e discussão

Escrito por Carolina Maria de Jesus, a partir de seu diário registrado em cadernos, a obra Quarto de Despejo: o diário de uma favelada foi publicado em 1960. O livro foi um sucesso e, em poucos meses, as sucessivas edições atingiram a marca dos 100 mil exemplares vendidos e correram o mundo sendo traduzidos para diversos idiomas. Houve, à época, curiosidade para ler o que poderia ter escrito uma mulher negra, moradora da favela, catadora de lixo. Realizando busca nos Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior (CAPES), na data de 26 de maio de 2021, pelo nome de Carolina Maria de Jesus, no período entre 1960 e 2021, apareceram 252 resultados, sendo possível notar que, a maior parte deles, 218 para ser exata, é de estudos feitos a partir do ano 2000, como se pode observar no Quadro 01, que mostra os resultados encontrados.

Quadro 01: Resultados por período na pesquisa pelo nome de Carolina Maria de Jesus no site dos Periódicos CAPES

Períodos	Resultados	Tempo considerado
1960-2021	252	61 anos e cinco meses
2000-2009	122	10 anos
2010-2021	96	11 anos e cinco meses

Fonte: Elaboração da autoria a partir de dados do site Periódicos CAPES (2021).

Por quase 40 anos não se falou ou muito pouco foi falado em Carolina Maria de Jesus no Brasil no ambiente acadêmico. Nos últimos 20 anos, houve um crescimento de estudos sobre a sua vida e obra. Nesse período, ocorreu um fortalecimento das políticas de ações afirmativas no país, começou, por exemplo, a ser implementada a política de cotas para ingresso em universidades públicas, que previa e prevê vagas para estudantes provenientes de escolas públicas, para indígenas, para pessoas negras, para pessoa com deficiência (PCD). É possível também citar a Lei 10.639 de 2003, que garantiu o estudo da cultura afro-brasileira e indígena nas escolas, especialmente nas disciplinas de história, artes e língua portuguesa. A representatividade da mulher negra nas universidades também aumentou nesse período o que, inevitavelmente leva a pensar sobre a importância de políticas públicas que possam garantir os acessos aos bens culturais e à educação formal, que por muito tempo foi para poucos. Carolina menciona em seu diário a importância que tem para

ela a escola, o encantamento que sempre teve pelos livros e pela leitura e como poder ler e escrever transforma sua vida e deixa presente a possibilidade de sonhar.

O livro de Carolina apresenta a vida da escritora e das pessoas em seu entorno, retratando o cotidiano e os sofrimentos dos moradores da favela do Canindé, em São Paulo, na década de 1950. O diário, mesmo sendo algo pessoal, possibilita conhecer a fundo uma parcela do Brasil esquecida. A fome das pessoas, a dificuldade de conseguir alimentos e de ter uma vida digna são os pontos centrais da escrita. Relatos da vida de alguém que busca a cada dia sobreviver juntamente com seus filhos fez do livro, além de uma obra literária, um documento para discussões políticas, sociais e sociológicas no Brasil e em outros países. Paulo Freire fala, em *Cartas para Cristina*, de um problema presente e real em sua infância e adolescência: a fome.

Fome real, concreta, sem data marcada para partir, mesmo que não tão rigorosa e agressiva quanto outras fomes que conhecia. De qualquer maneira, não a fome de quem faz operação de amídalas ou a de quem faz dietas para ficar elegante. A nossa fome, pelo contrário, foi a de que chegava sem pedir licença, a que se instala e se acomoda e vai ficando sem tempo certo para se despedir.¹⁶

Da mesma forma, Carolina relata sua fome diária, sua revolta, sua luta, sua força e falta de força, também diárias. “Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estomago. E por infelicidade eu amanheci com fome.”¹⁷ Este foi um dia normal na vida de Carolina, ocorrido em julho de 1958. O que fazer sendo mulher e tendo que alimentar a si e a mais três crianças? Se fosse homem, teria outras possibilidades de trabalho e ganho financeiro maiores e melhores? Se fosse branca? Se não fosse pobre? Talvez, a pergunta mais adequada a ser feita é: se a dignidade de viver fosse para todas/os, a vida de Carolina teria sido diferente?

Quarto de Despejo é um livro que preserva a linguagem utilizada por Carolina de Jesus, o que aproxima o leitor da escritora e possibilita a sensação de estar lá dentro de seu barracão, ao lado desta mulher, ouvindo a história da sua vida durante os anos em que o diário foi escrito. A fome dela e de seus filhos incomoda (ao menos incomoda ao leitor que se permitir adentrar nessa realidade cruel). A fome gera a vontade de protestar contra a falta de políticas públicas de cuidado à população, de saneamento

¹⁶ FREIRE, Paulo. *Cartas a Cristina: Reflexões sobre minha vida e minha práxis*. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 39.

¹⁷ JESUS, Maria Carolina. *Quarto de despejo: o diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014, p. 99.

básico, de garantia de que as pessoas não morram de fome em um país tão rico, como é o Brasil. “Como é horrível um filho comer e perguntar: “Tem mais?” Essa palavra “tem mais” fica oscilando dentro de cérebro de uma mãe que olha as panela e não tem mais.”¹⁸ Em vários trechos da narrativa, há a constatação da fome sentida, da injustiça vivida, da falta de possibilidade e perspectiva.

“... Eu tenho tanto dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada: – Viva a mamãe! A manifestação agrada-me. Mas eu já perdi o hábito de sorrir. Dez minutos depois eles querem mais comida.”¹⁹ A fome, real e diária traz a amarga indagação do porquê isso se deu na década de 1960 e do quanto tempo lavará para ter fim essa situação à qual pessoas ainda estão submetidas. É possível pensar nas tão demoradas políticas públicas, é possível pensar ainda em como terminar com a fome agora, antes das políticas. Consoante isso, Paulo Freire traz uma necessária reflexão sobre o sentir fome:

Nunca soube”, disse ele, “de nenhum faminto que tivesse feito a quem lhe trouxe um prato de comida um discurso como este: ‘Obrigado, senhor, mas não posso aceitar seu gesto porque é assistencialista’. O discurso do faminto é o seu próprio ato de comer a comida. É diminuindo a necessidade que maltrata que ele fala. É a partir desta coisa concreta – comida – que responde a esta outra igualmente muito concreta – a fome – que o faminto pode, inclusive, preparar-se para, compreendendo melhor ou começando a compreender a razão de sua fome, se engajar na necessária luta contra a injustiça... Mais ainda, engajando um sem número de pessoas que comem, que vestem, que ouvem música e vivem bem, a campanha necessariamente moverá a muitos, mudando-lhes a maneira de ver e de pensar o Brasil.”²⁰

Ao longo de seu escrito, Carolina também desenvolve questões políticas, que envolvem sonhos, dignidade, não sentir fome a todo momento.

... Eu cato papel, mas não gosto. Então penso: Faz de conta que estou sonhando. [...] ... O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças.²¹

¹⁸ *Ibidem*, p. 38.

¹⁹ *Ibidem*, p. 30.

²⁰ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (p. 237).

²¹ JESUS, Maria Carolina. *Quarto de despejo: o diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014 (p. 29).

Assim como para Carolina, para Paulo Freire mudar o mundo significava mudar a vida das pessoas, considerar seus sonhos e suas utopias. A fome, sentida desde muito cedo por ele, fazia parte da realidade e da vontade de mudar o mundo.²²

Ser mulher e ser mãe sozinha é uma realidade reconhecida por Carolina: “Refleti: preciso ser tolerante com meus filhos. Eles não tem ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar.”²³ Em diversas passagens de seus escritos aparece a reflexão de sua condição de ser mulher naquele momento histórico no Brasil.

Bateram no barracão. Os filhos falaram:

- É o pai da Vera.

- É o papai. – Ela sorria para ele.

Eu é que não fiquei com tal visita. Ele disse que não levou o dinheiro lá no Juiz porque não teve tempo. Mostrei-lhe os sapatos da Vera que estão furados e a água penetra.

- Quanto pagou isso?

- 240.

- É caro.

... Ele deu-me 120 cruzeiros e 20 para cada filho. Ele mandou os filhos comprar doces para nós ficar sozinhos. Tem hora que eu tenho desgosto de ser mulher. Dei graças a Deus quando ele despediu-se.²⁴

Joan Scott afirma que homem e mulher são categorias transbordantes e vazias ao mesmo tempo. Ao pensar gênero como categoria analítica, a autora o define como “um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado”²⁵ e como “um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”²⁶. As relações de gênero perpassam a vida e a obra de Carolina. Aos conceitos de masculino e feminino são atrelados muitos outros. Carolina percebe e compreende sua condição de mulher de mundo e as relações de poder envolvidas nas relações que tem. O “desgosto de ser mulher” é demonstrado em muitas

²² MACHADO in STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, José (Orgs). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010 (p. 339).

²³ JESUS, Maria Carolina. *Quarto de despejo: o diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014, p. 22.

²⁴ *Ibidem* p. 178.

²⁵ SCOTT, Joan. *Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica*. Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 20 n.2, jul/dez, 1995, p. 88.

²⁶ *Ibidem* p. 86.

passagens de sua escrita como uma certeza de que, caso se apaixone e tenha filhos, será responsável por eles, assumindo as consequências que parecem caber à mulher em seu tempo, como, por exemplo, perder seu emprego, ser olhada com desconfiança e lutar sozinha pela sobrevivência, todos os dias da vida.

Por meio das experiências de homens e mulheres, as crianças se apropriam dos significados, divisões e bipartições entre homens e mulheres, masculino e feminino: servem a grande variedade de funções políticas, econômicas, sociais, não são sempre claramente explicitadas, mas são transmitidas de maneira implícita pela linguagem e por outros símbolos. As diferenciações não são naturais ou essenciais, mas, uma vez constituídas, reforçam e essencialidade de gênero²⁷.

Segundo Guacira Lopes Louro²⁸, o conceito de gênero não deve ser pensado como construção de papéis masculinos e femininos. A pretensão é que se entenda gênero como constituinte da identidade dos sujeitos. Afirmar que o gênero deve ser entendido como identidade é referir-se a algo que transcenda o ‘desempenho de papéis’; o gênero passa a fazer parte do sujeito, constituindo-o. Mas, as identidades dos sujeitos não são fixas, e em alguns momentos podem até ser contraditórias, dando a impressão de que o sujeito está “sendo empurrado” em diferentes direções. O que se quer é enfatizar a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas. Assim, pretende-se colocar (ou recolocar) o debate sobre as diferenças no campo social, pois é onde se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos. As justificativas para a desigualdade entre homens e mulheres, que fazem aqueles serem (ou deverem ser, segundo a masculinidade hegemônica) dominadores, e estas, dominadas, submissas, não devem ser buscadas nas diferenças biológicas, mas sim, nas relações sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação.

O conceito de gênero foi estudado e desenvolvido dentro dos movimentos feministas, que ganharam força a partir dos anos de 1960 em países da Europa, Estados Unidos e, aos poucos, foram chegando ao Brasil, à América do Sul. É importante considerar que, sendo as mulheres diversas e estando desde sempre em diversas realidades e

²⁷ TOMASINI, Marina. Categorización sexual y socialización escolar em el nivel inicial. In: MORGADE, Graciela e ALONSO, Graciela (compiladoras). *Cuerpos y sexualidades em la escuela: da la normalidad a la disidencia*. Buenos Aires: Paidós, 2008. p. 93-112.

²⁸ LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

contextos sociais, apesar da marca mulher, algumas de nós sempre necessitaram trabalhar para garantir seu alimento e de seus filhos, como Carolina. A algumas de nós, a esfera privada, o estar no lar não foi uma obrigação, pois não houve o homem provedor que garantisse a sobrevivência dos filhos – os filhos foram “responsabilidade” apenas da mãe. Dessa forma, sempre que pensamos e discutimos o feminismo, precisamos ter em mente as diferentes trajetórias das diferentes mulheres: brancas, negras, escolarizadas, analfabetas, trabalhadoras, aquelas com educação – no sentido formal – e condições financeiras satisfatórias que garantisse um empoderamento em se fazer ouvir mais cedo que as demais.

Em se pensando isso, em diversos trechos a realidade da favela é narrada, as condições da vizinhança, dos barracões úmidos, da falta de escolha de quem mora na favela – em não poder morar em outro lugar –, das difíceis relações entre vizinhos, pessoas que passam fome e que não vislumbram uma vida digna no horizonte. Entre as reflexões de Carolina também aparecem falas sobre a criação dos filhos por ela, mulher, negra, pobre, sem apoio ou suporte:

Três realidades, no espaço e no tempo da história, encontram-se soldadas, indiscriminavelmente: o mundo, nós e os outros. É a palavra que estabelece uma circularidade comunicativa, constituidora e de mútuo partejamento de tudo e todos como totalidade. A leitura do mundo, no entanto, precede a palavra que dizemos²⁹.

Além de sua situação de ser mulher, que precisa ser cuidadora de seus filhos, dos quais os pais sumiram e não ajudam participando da vida e nem financeiramente, Carolina também descreve em diversas passagens o fato de ser negra, dos preconceitos que vive diariamente. Por exemplo, quando um vizinho bate à porta pedindo uma informação e fica curioso sobre sua escrita: “Quiz saber o que eu escrevia. Eu disse ser o meu diário. – Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você.” E Carolina segue: “Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler”³⁰. Nesse sentido, Conceição Evaristo afirma que “nós, mulheres negras, oriundas de classes populares, nunca tivemos a escrita apontada como uma possibilidade nossa”³¹. Evaristo faz essa afirmação no ano de 2017, refletindo sobre as dificuldades encontradas pelas mulheres negras ao escrever. Carolina se torna um marco na história da mulher negra

²⁹ PASSOS *in* STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, José (Orgs). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 420.

³⁰ JESUS, Maria Carolina. *Quarto de despejo: o diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014, p. 26.

³¹ EVARISTO, Conceição. *Ocupação*. São Paulo: Itaú Cultural, 2017.

escritora no Brasil, por ter escrito na década de 1950, um período histórico ainda mais cruel na negação de direitos e dignidade aos grupos chamados de “minorias”.

A partir de sua leitura e do seu entendimento do mundo, da sua leitura do mundo, a fome é contada sempre em primeiro plano. A fome é o fato diário mais urgente. A espera e a busca diária por comida é o que mais dói. Dói o preconceito por ser mulher em 1960 com três filhos. Dói o preconceito por ser negra. Dói morar na favela. Mas a fome que os filhos sentem dói mais.

É difícil de entender que, tendo se tornando um marco quando foi publicado – rompendo a barreira da média de três mil exemplares das demais obras e atingindo mais de 100 mil cópias vendidas – não tenha contribuído para melhorar, à época em que foi lançado, a vida das pessoas do Canindé. Ainda que tenha servido – e que ainda sirva – para estudos sociais, não ocorreu a mudança sonhada por Carolina, para que as pessoas tivessem comida, dignidade e pudessem morar em “alvenaria” e não em barracões úmidos, sujos e colados uns nos outros. Um sonho de que não existisse favela.

A primeira favela do Brasil deu espaço, ainda na década de 1960, à Marginal Tietê e a outras construções mais organizadas. Outras favelas surgiram e se multiplicaram pelo Brasil. Outras fomes. Outros sonhos sonhados e adiados pela necessidade de sobreviver. Carolina tornou-se conhecida como escritora: esse sonho foi realizado. Seu livro continua nos indignando, 60 anos depois de ser escrito, e nos inspirando a desejar um mundo mais justo, mais igualitário, mais digno, a defender ações e políticas públicas que caminhem nesse sentido de busca pelo reconhecimento do valor das pessoas – todas as pessoas – e de igualdade de direitos a todos os seres humanos.

Os sonhos são projetos pelos quais se luta. Sua realização não se verifica facilmente, sem obstáculos. Implica, pelo contrário, avanços, recuos, marchas às vezes demoradas. Implica luta. Na verdade, a transformação do mundo a que o sonho aspira é um ato político e seria uma ingenuidade não reconhecer que os sonhos têm seus contra-sonhos.³²

Apesar dos contra-sonhos do mundo, o sonho está na busca e na concretização de políticas públicas que transformem o mundo em local digno de se viver, que possibilitem mudança de vidas.

³² FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 26.

4. Considerações finais

O livro analisado permite ter uma noção da barbárie social em determinada favela do Brasil na década de 1950. Esta barbárie, se olharmos com atenção, se faz presente até hoje e – ousar dizer – parece crescer em alguns momentos, quando parte considerável da população apoia políticos e políticas que excluem, que não garantem respeito e acesso para todos, ao que há de mais básico na sociedade. Na mesma década em que Quarto de Despejo foi publicado, Antonio Candido afirmou: “É verdade que a barbárie continua até crescendo, mas não vê mais o seu elogio, como se todos soubessem que ela é algo a ser ocultado e não proclamado”³³. Desejo, a partir das palavras de Candido, 60 anos depois, não ver mais o elogio à barbárie – mesmo percebendo-o em momentos. Ver uma escola que inclua, através da arte, da literatura, da expressão, da criatividade. Uma escola que seja fonte de vida e na qual todas as carolinas tenham direito de acessar e nela permanecer.

Carolina nos aproxima da realidade da mulher que sente fome, que não pode ficar doente, pois precisa diariamente garantir o alimento daquele dia – é impossível pensar para o amanhã no contexto apresentado, importa sobreviver hoje. Da realidade da mulher negra que tem o desejo de apaixonar, mas sabe que se tiver filhos, precisará criá-los sozinha em todos os sentidos. A obra nos apresenta a capacidade da autora de ler seu mundo e agir nele dentro do que lhe é possível, também de questionar o que está posto, as políticas, os políticos, a falta de perspectiva. De mostrar seus sonhos pela palavra escrita: morar em uma casa melhor, limpa, ter comida, ver seus filhos educados e na escola.

Através da escrita, Carolina narra sua realidade e dá voz e asas aos sonhos. Seu texto deu corpo e forma ao desejo de uma vida digna; desejo que pode ser lido, entendido, sentido e interpretado até os dias atuais. O acesso à educação formal que teve, ainda que por poucos anos, lhe garantiu seguir uma vida de leituras e de escrita apesar de sua realidade, contrária às condições de tempo, de silêncio, de materiais, de fome saciada e de tudo mais que pudesse permitir que Carolina sentisse tranquila e se perdesse entre os devaneios das obras lidas e das histórias de sua vida, contadas pela escrita. Seu sonho era de que os filhos estudassem e valorizava muito a instituição escolar.

³³ CANDIDO, Antonio. Direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. São Paulo: Ouro sobre azul, 2004, p. 170.

O sonho tem que ser visto como um projeto de luta, como nos ensinou Paulo Freire, acreditando, lutando para que mulheres, negras, mães, indígenas, todos os grupos isolados de nossa sociedade, tenham seus direitos e acessos garantidos, com respeito. Essa luta ocorre essencialmente pela via das políticas públicas que garantem e não podem – ou não poderiam – ser questionadas. É o que percebemos pela política de cotas, pelo ensino da cultura afro-brasileira e indígena nas escolas, entre outras. O movimento de busca por garantia de direitos parece não ter fim, precisa ser contínuo, para que a fome seja saciada. Seja fome do corpo físico por alimento, seja fome da alma por conhecimento e arte.

Referências bibliográficas

CANDIDO, Antonio. Direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. São Paulo: Ouro sobre azul, 2004.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. Conferência de Abertura com Conceição Evaristo: **Negras Escrevivências**. XI COPENE. Palestra proferida em 09 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=biBn732cl5E> Acesso em 18 de junho de 2021.

EVARISTO, Conceição. **Ocupação**. São Paulo: Itaú Cultural, 2017.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: Reflexões sobre minha vida e minha práxis**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FEDERICI, Silvia. **Eles chamam de amor, nós chamamos de trabalho não remunerado**. Vídeo no Canal Boi Tempo Editorial, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bFSI4nEB6jl>. Acesso em: 15 jun. 2021.

JESUS, Maria Carolina. **Quarto de despejo: o diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2014.

LIS, Ludimila in DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

SCOTT, Joan. **Gênero**: Uma Categoria Útil de Análise Histórica. Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 20 n.2, jul/dez, 1995, p. 71-99.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Revista Psicologia Política**, vol.17 no. 39. São Paulo maio/ago. 2017. Acesso em: 08 out. 2021.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, José (Orgs). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TOMASINI, Marina. Categorización sexual y socialización escolar em el nivel inicial. In: MORGADE, Graciela e ALONSO, Graciela (compiladoras). **Cuerpos y sexualidades em la escuela**: da la normalidad a la disidencia. Buenos Aires: Paidós, 2008. p. 93-112.